



UnB

Universidade de Brasília

Campus Darci Ribeiro

Instituto de Letras

TEL – Departamento de Teoria Literária e Literatura

Monografia em Literatura

Aluno: Tiago de Sousa Ornellas Dias

O Cansaço de Fernando Pessoa

Brasília, 2014.

Tiago de Sousa Ornellas Dias

O Cansaço de Fernando Pessoa

Este estudo tem como principal objetivo analisar o poema “O que há em mim é sobretudo cansaço”, do poeta modernista português Fernando Pessoa.

Orientador: Alexandre Pilati
Universidade de Brasília, Brasília 2014.

Resumo

Este estudo tem como principal objetivo analisar o poema “O que há em mim é sobretudo cansaço”, do poeta modernista português Fernando Pessoa. Para tanto, foi necessária uma análise de sua vida, suas influências, tais como Shakespeare, Edgar Allan Poe, John Milton, Lord Byron, John Keats, Percy Shelley, Walt Whitman, Charles Dickens, entre outros. Influenciou a literatura de língua portuguesa, pois introduziu o modernismo em Portugal, com o lançamento da revista *Orpheu*. Escreveu sob a forma de muitos heterônimos, tais como *Ricardo Reis*, *Alberto Caeiro*, *Álvaro de Campos*, assim também o próprio ortônimo, Fernando Pessoa. Em Caeiro, colocou todo seu poder de despersonalização dramática, um poeta bucólico, simples. Em Reis está contida toda a disciplina mental de Pessoa, o seu lado racional e pagão. Em Campos, o poeta colocou toda a sua capacidade emotiva, histérica, violenta e passional. O poema esboça o cansaço de Pessoa, dadas as circunstâncias e devido a sua trajetória de vida. Já no final de sua vida, Fernando Pessoa encontra-se solitário, como sempre foi, mas a fadiga tomou conta de seu ser, pois teve que lidar com muitas perdas, fracassos e decepções.

Palavras-chave: Cansaço, heterônimos, ortônimo, solidão, perdas, modernismo, Orpheu, poesia.

Sumário

1. Introdução	5.
1.1 Apresentação de Fernando Pessoa e sua obra	5.
1.2 Os heterônimos	9.
2. Crítica, análise estilística e análise Geral do Poema	16.
2.1 Considerações Finais	24.
3. Bibliografia	27.

1. Introdução

Este estudo tem por objetivo principal análise crítica do poema “*O que há em mim é sobretudo cansaço*”, do poeta modernista português Fernando Pessoa, partindo de uma análise biográfica, passando pelos heterônimos até o ponto em que se discute o poema referido. Tendo em vista que o poeta possui uma vasta obra, o conhecimento de sua vida torna-se essencial para o entendimento claro da poesia a que este trabalho se propõe verificar. Será discutida a sua vida, sua trajetória, motivos que o levaram a escrever, a gênese dos heterônimos, o estilo de escrita, seu temperamento, influências e alguns poemas, a fim de se chegar a um denominador em comum com aquilo que o estudo pretende, que é a análise do poema supracitado.

A justificativa para a elaboração deste estudo se dá para que se possa incentivar os futuros pesquisadores, docentes, alunos e autores, fornecendo-lhes uma base a mais para suas pesquisas, de maneira que se possa ter um estudo mais detalhado do poema, já que para se poder obter uma melhor compreensão dele, faz-se necessário um exame mais aprofundado, a fim de se esgotar o tema, podendo-se ampliar cada verso, cada estrofe, de modo que se possa pensar em cada coisa implícita e explícita acerca do poema, bem como entender todo o contexto ao qual estava inserido o poeta.

Para a realização deste estudo, foram consultadas diversas obras biográficas e críticas acerca do autor, a fim de se poder ter uma leitura mais abrangente com uma visão mais ampliada de sua obra, vida, influências, costumes, amizades, enfim, tudo aquilo que o autor deste estudo julgou importante para que se possa fazer uma crítica mais aprofundada sobre Fernando Pessoa. Para tanto, também foi consultado todo o acervo literário do poeta, suas poesias e prosas completas, bem como a de seus heterônimos.

Assim sendo, o trabalho ficou dividido em dois capítulos, sendo que no capítulo primeiro está dividido em três partes: esta introdução; a apresentação do autor e sua obra; e seus heterônimos. O capítulo segundo está dividido em duas partes: crítica, análise estilística e análise geral do Poema “*O que há em mim é sobretudo cansaço*”; e considerações finais. O autor deste estudo procurou esgotar o tema, de modo que se pudesse ampliar a erudição acerca do assunto. Em se tratando de Fernando Pessoa, cada detalhe é importante.

1.1 Apresentação de Fernando Pessoa e sua obra

A 13 de junho de 1988 nasce, em Lisboa, um garoto chamado Fernando António Nogueira Pessoa. Sua mãe, Maria Madalena Pinheiro Nogueira Pessoa, natural dos Açores e seu pai, Joaquim de Seabra Pessoa, nascido em Lisboa. O parto se deu no largo de São Carlos, em frente a Ópera de Lisboa. Foi batizado no Chiado, tendo por padrinhos a sua Tia Anica e o General Chaby. A escolha do nome foi em homenagem ao Santo Antônio, pois comemorava-se o dia desse santo no dia de

nascimento do poeta: a família alegara ligações com o santo, Fernando de Bulhões, que era o nome de batismo de Santo Antônio.

Com apenas cinco anos, Fernando perde o pai, vítima de tuberculose, mas ganha um irmão chamado Jorge e que também veio a falecer no ano seguinte. A morte do pai acarreta consequências financeiras graves, que obriga a família de Madalena a migrar para a casa de Dionísia, a avó louca do poeta. É nesse íterim que surge então o seu primeiro heterônimo: *Chavalier de Pas* (Cavaleiro do Nada), com o qual trocava correspondências dele para ele mesmo. Ainda no mesmo ano, escreve um poema infantil à sua mãe, esta que a essa altura já havia se casado novamente por procuração com João Miguel Rosa, cônsul de Portugal em Durban, na África do Sul, local ao qual iria se mudar. De acordo com João Gaspar Simões (1971), Maria Madalena pensava em deixar o jovem Fernando com sua avó, Dionísia, em Lisboa. O pequeno, ao saber disso, escreve seu primeiro poema, a 26 de julho de 1895, que se tem conhecimento, o qual levava o título de *À minha querida mamã* e o recita para sua mãe:

Ó terras de Portugal
Ó terras onde eu nasci
Por muito que goste delas
Inda gosto mais de ti.¹

Era o seu início de carreira, o poema, provavelmente, deve ter corrido por toda a família e que, naturalmente, encheu os olhos de sua “mamã” de lágrimas. Sob essa égide de amor maternal, Madalena não poderia ter dito “não” ao pedido do jovem filho e tratou por levá-lo a Durban. Mas pouco se sabe a respeito da família durante a estadia na cidade, a não ser o nascimento de seus irmãos, Henriqueta Madalena, que morre logo depois, aos três anos, e João.

Pessoa havia recebido uma educação inglesa, por isso seus primeiros textos foram nessa língua. Alguns escritores e poetas que o influenciaram: Shakespeare, Edgar Allan Poe, John Milton, Lord Byron, John Keats, Percy Shelley, Walt Whitman, Charles Dickens, entre outros.

Em 1899, ingressa no Liceu de Durban. Pessoa era um dos alunos mais aplicados e mais inteligentes. Nesse mesmo ano, cria outro pseudônimo: *Alexander Search*, que também manda cartas para si mesmo e *Charles Robert Anon*, ambos adolescentes. Começa a surgir um poeta como nenhum outro no mundo, aquele que sendo um, seria muitos.

Em 1903 ganha o prêmio literário *Queen Victoria Prize*, em Durban. Em 1904 nasce Maria Clara, sua irmã. No ano seguinte o poeta volta para Lisboa, onde começa a viver com suas tias, a avó louca e primos. Ingressa na Faculdade de Letras de Lisboa, e nesse período tem uma intensa atividade poética. Em 1906, Fernando Pessoa volta a morar com a mãe e o padrasto, que passavam férias em Lisboa, mas morre Maria Clara e após isso a família retorna à Durban e o poeta volta a

1 João Gaspar Simões, citando Fernando Pessoa, 1971, p. 53

morar com as tias. Devido a intensa atividade poética, o jovem Pessoa desiste do curso de Letras. Nesse mesmo ano, morre sua avó e lhe deixa uma herança, a qual Pessoa compra uma tipografia, mas que falirá logo em seguida.

Em 1912 conhece Mário de Sá-Carneiro, seu melhor amigo e também poeta com que vai trocar inúmeras cartas e publicar, anos depois, *Orpheu*. Em 8 de março de 1914, surgem seus heterônimos principais, *Alberto Caeiro*, *Ricardo Reis* e *Álvaro de Campos*. Fernando Pessoa chama esse dia de “dia triunfal”. O poeta os chama de “heterônimos”, pois que são personalidades poéticas distintas, com gênios e estilos próprios, cada um com um temperamento diferente, com histórias de vida distintas, possuem data de nascimento e morte. Por isso, chamou-lhes de “heterônimos”, ou seja, do grego que significa “outros nomes”, não “pseudônimos”, também do grego, que significa “falsos nomes”. Essa revista, *Orpheu*, com seus exemplares de 1915, foi considerada o marco introdutório do modernismo em Portugal. Contava com a presença de Almada Negreiros e do poeta brasileiro Ronald de Carvalho, entre outros. O fato é que o impacto que causou na sociedade foi tamanho, que o *Orpheu 2* logo saiu, sem causar tanto estranhamento quanto o primeiro, mas ainda assim, originando muita admiração.

A proposta do modernismo português era deixar para trás o acanhado meio literário e artístico português, que vinha se arrastando de modo a quase sucumbir, com o *Classicismo regionalista* e o *Naturalismo*. Era preciso uma nova estética, novos contornos às artes, novos estilos e com o advento das máquinas, a velocidade com que tudo se dava, bem como a influência das vanguardas europeias, não poderia ser diferente, nascera, nesse ínterim, o *Modernismo* em Portugal. Havia influências, entre outras, do *Expressionismo*, *Cubismo*, *Futurismo*, *Dadaísmo* e *Surrealismo*, ou seja, das *Vanguardas Europeias* que vinham com novas propostas nas artes, incentivando e influenciando todo o continente, causando espanto, admiração, estranhamento e impulsionando os novos tempos. Além disso, com o aparecimento da Primeira Guerra Mundial, em 1914, surge, nesse contexto, uma nova arte lusitana, tendo como carro-chefe a revista *Orpheu*, com participações de Ronald de Carvalho, Almada Negreiros, Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa, entre outros, considerados intelectuais da época, que vinham reunindo-se em tertúlias, reuniões as quais se falava das artes. Esses artistas ficaram conhecidos como escritores do *orfismo*, que foi a primeira geração do modernismo em Portugal. A segunda geração de modernistas se dá com o lançamento, em 1927, da revista *Presença*, a qual Fernando Pessoa também contribuirá.

Se a revista *Orpheu* causava alegria aos seus criadores, Mário de Sá-Carneiro, em Paris, afundava-se em sua depressão, deixando Fernando transtornado e sem saber o que fazer. Em 1916, Sá-Carneiro suicida-se. Após isso, Fernando Pessoa se fecha ainda mais. Sua produção literária é intensa. Participou de várias revistas, traduziu alguns livros de *Teosofia*, uma seita ocultista proposta por Madame Helena Blavatsky. Além disso, era comum fazer horóscopos, possuía enorme

conhecimento de *Astrologia* e por conta disso, o famoso ocultista Aleister Crowley foi a Portugal para conhecê-lo e divulgar seus trabalhos, ocorrendo, entre os dois, uma troca de cartas. Para João Gaspar Simões (1971), esse encontro do poeta com o mago Crowley, pode ter contribuído para o nome do livro de Fernando Pessoa, *Mensagem*, uma vez que entre as cartas trocadas entre eles, o mago faz referência a esse nome *Message*, em inglês, sublinhando-o como forma de destacá-lo, o que gerou um certo estranhamento e fascínio no poeta português, que acabou por trocar o nome do livro, que se chamaria *Portugal*, para o nome já consagrado que o livro ficou conhecido.

Participava, também, de reuniões de espiritismo com as suas tias, as quais se dizia portador de fenômenos mediúnicos. Fenômenos estes que o próprio poeta dizia influenciar em sua escrita, atribuindo a uma psicografia, ou uma escrita automática, em que ele se dizia portador, a qual fazia com que escrevesse de modo automático, como se algo apossasse de sua mão e o fizesse perder o controle.

Em 1920, conhece Ofélia Queiroz, com quem irá ter um relacionamento afetivo, com inúmeras trocas de cartas, mas que durará apenas oito meses a primeira fase do namoro. No ano seguinte, funda a editora *Olisipo* e publica poemas em inglês, mas que não durará muito tempo. Em 1924 dirige a revista *Atena*, em parceria com Ruy Vaz. Em 17 de março de 1925 morre, em Lisboa, a mãe de Pessoa, fato que o deixa muito entristecido, agravando sua personalidade depressiva. Pessoa redobra suas atenções às suas atividades literárias, com dedicação e afínco.

Em 1929, volta a relacionar-se com Ofélia, a quem dirige uma fotografia grafada atrás, a seguinte frase: “Fernando Pessoa em flagrante *Delitro*”. Ofélia acha graça e responde ao poeta com uma carta e os dois resolvem reatar o namoro, mas que também não durará por muito tempo. Fernando Pessoa era muito depressivo, não possuía um emprego fixo, estava sempre devendo alguém e alegava que tinha que se dedicar a sua obra literária, por esses motivos é que ele resolveu romper novamente o namoro, apesar da grande insistência e dedicação de Ofélia, que era muito apaixonada e, de certa forma, submissa a ele. O amor, para o Fernando Pessoa, pode ser definido nas palavras de Campos, que dizia que “todas as cartas de amor são ridículas” (Pessoa, 2006 [c], p 267). Pessoa não queria um amor comum como todos os amores que julgava vulgares, sua forma e maneira de amar tinham de ser únicas, além disso, achava que sua solidão lhe fazia bem à sua literatura. Se Pessoa era realmente apaixonado por Ofélia é uma coisa que apenas ele poderá confirmar, o fato é que ele não queria um relacionamento comum “Queriam-me casado, fútil cotidiano e tributável?”, dizia Campos em *Lisbon Revisited 1923* (Pessoa, 2006 [c], p 149), explicitando sua singular maneira de amar.

Em 1934, recebe um convite de um amigo para participar de um concurso literário em Lisboa, o *Antero de Quental Award*. Pessoa aceita e organiza um livro intitulado “Portugal”, mas que mudará o nome, de última hora, para *Mensagem*. Consegue um modesto segundo lugar e a

publicação do livro.

Como se pode observar até aqui, Pessoa sempre foi muito frustrado em tudo que fez. Nada dera certo para ele. Nos relacionamentos, na vida financeira, na carreira literária, enfim, uma vida de frustrações. Se em 1934 ele publicara *Mensagem*, o certo é que o segundo lugar o havia frustrado e Pessoa se afundara ainda mais no álcool. Em 1935, o poeta recebe a notícia do médico, após um internamento às pressas no Hospital de São Luís dos Franceses, em Lisboa, de que se ele continuasse a beber, poderia morrer em breve. O diagnóstico era de cólica hepática. Mas o poeta não deu ouvidos e seu último poema, datado de 19 de novembro de 1935 dirá, no último verso “Traga-me mais vinho, porque vida é nada” (Pessoa, 2007, p. 165.). Suas palavras finais que se têm registro foram “*I know not what tomorrow will bring*” (“Não sei o que o amanhã trará”), escritas em um pedaço de papel no leito do Hospital, na véspera de sua morte. Pessoa faleceu a 30 de novembro de 1935.

1.2 Os heterônimos

De acordo com o próprio Pessoa, na carta em que se dirige a Adolfo Casais Monteiro, escrita em 13 de janeiro de 1935, em Lisboa, foi em 8 de março de 1914 o seu “dia triunfal”², o qual o poeta acercou-se de uma cômoda alta e de súbito escreveu “trinta e tantos poemas”³, de uma só vez e nascera nele, o seu mestre, Alberto Caeiro, pastor bucólico. O poema ficou conhecido como *O Guardador de rebanhos*. O frenesi do poeta foi tamanho, que de outro lance, sacou outro papel e, à máquina também, escreveu *Chuva Obliqua*, do ortônimo, Fernando Pessoa, ele mesmo. Aparecido o Caeiro, tratou-lhe de arranjar uns discípulos e surgira, então, Ricardo Reis, que estava latente, um poeta pagão. Não bastasse tudo isso, surge, em um êxtase contínuo, ininterrupto, a *Ode Triunfal*, de Álvaro de Campos, “o mais histericamente histérico de mim”⁴, nas palavras de Pessoa, visto que Campos era a personificação de uma histeria, pois sendo ele, Fernando Pessoa, homem, a histeria tomava contornos de silêncio e poesia, mas se fosse mulher, certamente que a vizinhança ouviria alguns gritos e objetos quebrando pela casa.

A capacidade de despersonificação de Fernando Pessoa pode ter salvado sua vida, ou, pelo menos, adiado sua morte. Assim como Sá-Carneiro e Florbela Espanca, o poeta também sofria de profundas crises de depressão, passava dias imerso em si mesmo, num estado latente, de tristeza e melancolia. Chegava a dizer que essa melancolia até lhe fazia bem, pois desse modo conseguia sublimar, ou transformar sua tristeza em poesia. Mas se sua melancolia lhe trazia algum ganho secundário, o certo é que sua capacidade de se multiplicar acabou por lhe render alguns anos de vida. Em Sá-Carneiro e Florbela Espanca, a melancolia lhes tirava a capacidade de discernimento,

2 Ver *Carta de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro sobre a Gênese dos Heterônimos*.

3 Idem.

4 Ibidem.

acarretando neles, uma personalidade frágil, facilmente quebrável, como uma taça fina, pois a solidão os castigava e suas crises eram difíceis de serem sanadas, já que não tinham uma capacidade de despersonalização e acabava que tudo se voltava para dentro deles, até que chegou o momento que eles não mais suportaram e se suicidaram. Mas se nesses poetas a melancolia foi seus atestados de óbitos, o fato é que em Fernando Pessoa essa mesma melancolia se transformava, ou melhor, sublimava-se em heterônimos, uma despersonalização profunda, que se esvaía dentro dele, indo em direção a outros “eus”, criados por ele mesmo, como forma de fuga.

Eram tão reais os heterônimos, que o próprio poeta às vezes se admirava, pois tinha estilos próprios, data de nascimento, óbito, estaturas próprias, cor de pele e olhos distintos, cada um. Eram personalidades desiguais, embora fossem fragmentações do próprio temperamento de Fernando Pessoa. Em Caeiro, colocou todo seu poder de despersonalização dramática, um poeta bucólico, simples. Em Reis está contida toda a disciplina mental de Pessoa, o seu lado racional e pagão. Em Campos, o poeta colocou toda a sua capacidade emotiva, histérica, violenta, passional, enfim, “toda a emoção que não dou nem a mim e nem à vida”⁵.

Em relação ao Alberto Caeiro, seus versos eram simples. Tinha uma maneira de ver a vida sem muitos aborrecimentos, de forma direta. Vivia no campo, nasceu em Lisboa em 1889 e morreu em 1915, tuberculoso. Não teve profissão e só frequentou o primário, era pastor e possuía uma saúde frágil. Pessoa escrevia em nome desse heterônimo em pura e inesperada inspiração, sem saber, muitas vezes, o que escrever, nem calculava o que ia ao papel. Escrevia num português mal elaborado, um pouco incorreto, mas seus versos eram diretos e objetivos.

Ricardo Reis morava no Brasil, se expatriou por ser monárquico. Nasceu no Porto, era mais baixo, mais forte do que Caeiro, sem barbas, educado em colégio jesuíta, era pagão e médico. Era latinista e semi-helenista. Escrevia numa deliberação abstrata, um purismo exagerado, um português impecável e que se convertia em ode. Talvez Ricardo Reis seja o que melhor defina quem foi Fernando Pessoa nestes versos:

Vivem em nós inúmeros;
Se penso ou sinto, ignoro
Quem é que pensa ou sente.
Sou somente o lugar
Onde se sente ou pensa.

Tenho mais almas que uma.
Há mais eus do que eu mesmo.
Existo todavia
Indiferente a todos,
Faço-os calar: eu falo.

Os impulsos cruzados

5 Ibidem.

Do que sinto ou não sinto
Disputam em quem sou.
Ignoro-os. Nada ditam
A quem me sei: eu 'screvo.
(Pessoa, 2006 [a], pp 154-155.)

Outro heterônimo era Bernardo Soares, “autor” de *O livro do Desassossego*, era, senão, um “semi-heterônimo”. Parece-se em muitas coisas com Álvaro de Campos, aparecia sempre quando Fernando Pessoa estava cansado e sonolento, estando suspensas suas qualidades de raciocínio. Escrevia em prosa, um “constante devaneio”⁶. É considerado pelo poeta como um semi-heterônimo, pois não sendo ele, Soares, a personalidade de Pessoa, é, senão, “uma simples mutilação dela”⁷.

Fernando Pessoa sob a égide de seu ortônimo, ou seja, escrevendo e assinando com seu próprio nome, tinha um estilo próprio, composto de genialidade e surpreendia pela beleza de sua escrita. Mas afinal, quem era esse *Fernando Pessoa ele mesmo*? Era um fingidor? Ele fingia uma vida literária, era um mistificador, mistificando a si próprio e se recriando em vários heterônimos. Era intelectual, e assim como Campos, um tanto inquieto. Traduziu inúmeros livros, escreveu poesia, drama, epopeia, teoria literária, criou movimentos estéticos junto a vanguarda europeia, tais como: o Sensacionismo, que dizia que tudo que importava no mundo eram as sensações; o Interseccionismo que dizia que toda a sensação era resultado da intersecção de outras sensações, não havendo uma sensação pura; e também criou o Paulismo, que se aproximava da estética do Impressionismo e do Simbolismo. Era nacionalista místico, um sebastianista racional, como pode-se ver em *Mensagem*.

Além disso, era ocultista, tendo traduzido livros da Teosofia e recorrendo à alquimia medieval. Tinha imenso conhecimento de Astrologia, sendo metódico e compulsivo, pois para quase tudo que fizera, escrevera, ou até mesmo com os amigos, Fernando Pessoa esboçava um mapa astrológico, inclusive com seus heterônimos. Recorreu à cabala judaica, hermetismo egípcio, à Rosa Cruz, à Maçonaria, enfim, tudo que ele achava que poderia lhe trazer uma resposta para o seu vazio interior e seu cansaço. Não obstante a tudo isso, fez quadras populares, versos simples, de agrado ao espírito do povo. Como visto, Pessoa conseguia juntar em si a simplicidade e a extravagância, o objetivo e o subjetivo, e paradoxalmente, ele era todos os seus heterônimos, era também o seu ortônimo e ao mesmo tempo, viveu como um ninguém. Foi todos e era ninguém.

Álvaro de Campos era o lado histérico do poeta. Nasceu em Tavira, em 15 de outubro de 1890, foi engenheiro naval, formado na Escócia, teve uma educação britânica, mas retornou a Lisboa. Pessoa escrevia sob esse heterônimo quando sentia um impulso frenético de escrever “não sei o quê”⁸. Escrevia razoavelmente o português, era mais espontâneo dos poetas heteronômicos.

6 Ibidem.

7 Ibidem.

8 Ibidem.

Um poeta da modernidade, da inquietude, um homem de pura emoção.

Há três momentos da poesia de Álvaro de Campos: a primeira, vem antes da influência de Caeiro, em um poema chamado *Opiário*. A ideia surgiu em uma conversa com Sá-Carneiro, em que faltavam algumas páginas para completar o *Orpheu* e Fernando Pessoa sugeriu a criação de um poema de Campos sem a influência de Caeiro, e segundo o próprio Pessoa, foi o que deu mais trabalho para escrever, dado o duplo poder de despersonalização ao qual teve de fazer. Não obstante, os versos de *Opiário* são dedicados a Mário de Sá-Carneiro. Nota-se, aí, uma certa tristeza já surgindo no poeta: “É antes do ópio que minh’alma é doente” (Pessoa, 2006 [c], p. 37). Quer dizer, o “ópio” é apenas uma consequência de sua tristeza, ou o resultado dela. Não se sabe ao certo se Pessoa era usuário de opiáceos, mas isso é apenas detalhe. O importante aqui é verificar o teor do verso, dadas as circunstâncias do temperamento de Campos-Pessoa. Este “Álvaro em botão”⁹, como dizia Fernando Pessoa, é fortemente influenciado pelo Simbolismo-decadentismo, movimento do final do século XIX, cujo subjetivismo e espiritualidade estão onipresentes, em que tudo é representação da realidade. Isso traz toda a depressão e desânimo de fim de século.

Assim sendo, o jovem Campos retorna ao Ocidente, desiludido, já deixando evidenciar seus primeiros traços decadentistas. Nesse ínterim, conhece Alberto Caeiro e se torna discípulo. Mas o mestre o ensinou a pensar sem filosofia, senão com a alma. Campos afasta-se dos ideais de Caeiro, deixando-se influenciar pelo Futurismo e pelo Sensacionismo¹⁰. Surge, aí, o Campos-eufórico, a segunda fase do heterônimo, que canta a modernidade, sem métrica, sem rimas, sob influência de Walt Whitmann, ostentando a liberdade, a irreverência e a prosificação da poesia. Segue um trecho de *Ode Triunfal*:

À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica
Tenho febre e escrevo.
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, *r-r-r-r-r-r-r* eterno!
[...]

Adubos, debulhadoras a vapor, progressos da agricultura!
Química agrícola, e o comércio quase uma ciência!
Ó mostruários dos caixeiros-viajantes,
Dos caixeiros-viajantes, cavaleiros-andantes da Indústria,
Prolongamentos humanos das fábricas e dos calmos escritórios!

Ó fazendas nas montras! ó manequins! ó últimos figurinos!
Ó artigos inúteis que toda a gente quer comprar!
Olá grandes armazéns com várias seções!
Olá anúncios eléctricos que vêm e estão e desaparecem!

9 Ibidem.

10 Movimento literário criado por Fernando Pessoa, o qual as sensações são tudo que existe.

Olá tudo com que hoje se constrói, com que hoje se é diferente de ontem!
Eh, cimento armado, betom de cimento, novos processos!
Progressos dos armamentos gloriosamente mortíferos!
Couraças, canhões, metralhadoras, submarinos, aeroplanos!

Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.
Amo-vos carnivoramente,
Pervertidamente e enroscando a minha vista
Em vós, ó coisas grandes, banais, úteis, inúteis,
Ó coisas todas modernas,
Ó minhas contemporâneas, forma atual e próxima
Do sistema imediato do Universo!
Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!

Ó fábricas, ó laboratórios, ó music-halls, ó Luna-Parks,
ó couraçados, ó pontes, ó docas flutuantes —
Na minha mente turbulenta e encandecida
Possuo-vos como a uma mulher bela,
Completamente vos possuo como a uma mulher bela que não se ama,
Que se encontra casualmente e se acha interessantíssima. [...]
(Pessoa, 2006 [c], pp. 41-53.)

Nota-se toda a histeria do poeta, que ama a todos com uma ferocidade e com uma irreverência única, que saúda os novos tempos, numa euforia agressiva crescente, um surto da modernidade, que engole o passado, o presente e mostra o futuro, as belezas e as desgraças da modernidade. Em um Portugal altamente conservador e católico, estes versos, publicados em *Orpheu*, causaram um estranhamento, uma repugnância e para João Gaspar Simões (1971), foi, dentre os poemas da revista, o que mais chocou os conservadores portugueses. Repleto de onomatopeias, ironias, sarcasmos, superlativos, tudo ao molde de uma histeria personificada em um poeta-heterônimo, que vive aos extremos, que ama (a)os extremos, que quer tudo e nada ao mesmo tempo, o poeta do paradoxo, que não sabe dosar e que é emoção pura apenas. Assim era Campos-Pessoa.

Em contrapartida, a terceira fase do poeta é a disforia, a fase decadentista, que experimenta a melancolia extrema, com um subjetivismo exagerado, numa consciência do absurdo, no tédio, na desilusão e no cansaço. Campos quer sentir tudo, faz a opção pela razão e pela emoção, tudo, ao mesmo tempo, de todas as formas possíveis. À euforia de *Ode triunfal*, segue o tédio, a fadiga, a autovitimização e a autopiedade de *Poema em Linha Reta*:

[...]
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,
Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,
Que tenho sofrido enxovalhos e calado,
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;
Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,
Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,

Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar,
Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado
Para fora da possibilidade do soco;
Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.
(Pessoa, 2066 [c], pp 273-274.)

O poeta Campos-Pessoa se torna solitário pelo excesso de lucidez que carrega, não encontra ninguém com quem possa ter uma verdadeira amizade. O que surpreende em Campos é a forma com que narra as coisas, os acontecimentos, sua visão de mundo única, seus paradoxos, seu poder de descrição, sua astúcia, seu extravagante poder de emocionar os seus leitores, de envolvê-los, colocá-los dentro do poema, como os escritores fazem na prosa. Talvez por isso, o próprio Ricardo Reis, o heterônimo pagão, dirá que Campos é um grande prosador com uma ciência do ritmo.

Afirma-se com frequência, que de todos os heterônimos, Campos é o mais próximo de Pessoa. Não era raro Fernando incorporar o Álvaro em suas manifestações no dia a dia, com Ofélia, com os amigos, em cartas, enfim, Campos era o que mais aparecia no cotidiano de Pessoa. A compreensão de um leva ao entendimento de outro. Quem sabe foi esse heterônimo da histeria que manteve o poeta vivo, evitando seu suicídio, assim como o seu amigo Sá-Carneiro e a Florbela Espanca, visto que por meio de Álvaro de Campos, Fernando Pessoa pôde fragmentar-se e sublimar sua angústia e solidão. Nota-se um profundo cansaço, já no final da vida de Pessoa-Campos, que fica evidente neste poema:

O que há em mim é sobretudo cansaço —
Não disto nem daquilo
Nem sequer de tudo ou de nada:
Cansaço assim mesmo, ele mesmo,
Cansaço.

A subtileza das sensações inúteis,
As paixões violentas por coisa nenhuma,
Os amores intensos por o suposto em alguém,
Essas coisas todas —
— Essas e o que falta nelas eternamente —;
Tudo isso faz um cansaço,
Este cansaço,
Cansaço.

Há sem dúvida quem ame o infinito,
Há sem dúvida quem deseje o impossível,
Há sem dúvida quem não queira nada —
Três tipos de idealistas, e eu nenhum deles:
Porque eu amo infinitamente o finito,
Porque eu desejo impossivelmente o possível,
Porque quero tudo, ou um pouco mais, se puder ser,
Ou até se não puder ser...

E o resultado?
Para eles a vida vivida ou sonhada,
Para eles o sonho sonhado ou vivido,
Para eles a média entre tudo e nada, isto é, a vida...¹¹
Para mim só um grande, um profundo,
E, ah com que felicidade infecundo, cansaço,
Um supremíssimo cansaço,
íssimo, íssimo, íssimo,
Cansaço...
09/10/1934
(Pessoa, 2006 [c], pp 253-254.)

O segundo capítulo tratará desse poema, verso por verso. Serão abordados inúmeros fatos da vida de Pessoa, com a intenção de se poder entender cada verso, cada pensamento e o que cada palavra carrega por trás. Pois em se tratando de Fernando Pessoa, nenhum verso é apenas um simples verso, as palavras se encaixam com num quebra-cabeças, e de certo, há entendimentos que cabem apenas à subjetividade do próprio poeta, ou seja, somente ele poderia dizer com certeza o que realmente quis dizer. O que será feito aqui é apenas uma interpretação, partindo de todo o contexto de sua vida, história, cultura, até se chegar ao formato que o poema ganhou, seus contornos, sua estética e sua composição.

Assim sendo, pode-se notar que Fernando Pessoa foi um poeta único no mundo. Dentre as características que se pode notar, destacam-se sua intelectualidade, seu senso de humor, determinação, sensibilidade, persistência, sua personalidade forte, sua eloquência e sua criticidade. Em vida, não chegou a ficar muito conhecido, o seu reconhecimento veio após sua morte. Morreu solitário, alcoólatra, o dinheiro dava apenas para as necessidades que julgava prioritárias. Teve apenas um amor conhecido, poucos amigos, nenhum amigo que ele pôde chamar de íntimo, a família não o levava tão a sério, mas tudo isso fez o ilustríssimo poeta que deixou suas marcas na sociedade, na literatura, um poeta que certamente esclareceu e continua esclarecendo muitos sobre coisas da vida, um consolador, um erudito, um filósofo. Enfim, deixou seu legado insubstituível neste planeta. O poeta que quis ser maior que Camões, o pensamento de Pessoa poderia ser resumido nesses versos de Ricardo Reis:

Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.
(Pessoa, 2006 [a], pp. 148-149.)

11 Há uma variante desse verso, em seus manuscritos encontrados em sua arca, organizados pela Ática portuguesa:
Para eles a média entre tudo e nada, isto é, isto...

2. Crítica, análise estilística e análise geral do Poema “O que há em mim é sobretudo cansaço”

Como se pode observar, não há métrica nem esquema rímico no poema “*O que há em mim é sobretudo cansaço*”. Fernando Pessoa adota os versos livres. Total de quatro estrofes. Número de versos na primeira estrofe: cinco. Na segunda e terceira, oito e na quarta estrofe, nove versos, totalizando 30 versos.

Para Matos (1992), o cansaço, sendo motivado pelo pensamento esgotante, retoma uma sensação de frio, em que o poeta exhibe as pobreza de processos, dentro de uma obsessão com a palavra *cansaço*, o que ocasiona uma teimosia provocadora de termos abstratos e de negações.

Na concepção de Rosa “Álvaro de Campos deseja o impossível: um adulto que não mate a criança para crescer sobre ela” (Rosa, 1969, p. 95). O homem busca a sua eficiência, sua soberania e a sua essência. Portanto, a sua instrumentalidade de uma máquina estatal procura desenvolver o homem ideal. Dadas as circunstâncias, o prazer de viver e a dignidade viram “ecos” longínquos e exaustivos, já que as instituições, principalmente as escolares, não correspondem com aquele ideal de Campos, cujo adulto poderia viver sem ter que matar a criança interna. Álvaro de Campos não queria se livrar da criança que carregava em si. Era, no fundo, um menino.

De acordo com Bréchon (1996), o cansaço de Pessoa o vai dominando, dia após dia, semana após semana, o que parece marcar uma aceleração para o abismo. O que se observa é o desaparecimento da vontade, que já era fraca desde sempre, contudo a fadiga de viver o esgotou completamente. Ainda de acordo com Bréchon, Pessoa jamais soube escolher, decidir-se, agir, pois sempre quis tudo de todas as formas, era ansioso, não podia esperar, mas, ao mesmo tempo, nunca quis nada. Periodicamente, optava por colocar a vida em ordem, mas nunca conseguia.

Faltando apenas dois meses para o lançamento de seu livro *Mensagem*, livro ao qual conta alguns acontecimentos da história de Portugal, Fernando Pessoa escreve o poema “*O que há em mim é sobretudo cansaço*” sob seu heterônimo de Álvaro de Campos, este já se encontrava em sua fase decadentista, fase esta que o poeta se deixa levar, o que acaba permeando sua obra como um todo, num tom melancólico, saudosista e decadente. Em uma primeira leitura, percebe-se um “cansaço” do poeta com a sua vida de modo geral. Para entender isso, precisamos observar toda sua trajetória, desde sua infância, até os dias que antecederam à escrita do poema, para se poder entender o contexto.

“*O que há em mim é sobretudo cansaço*” - observa-se nesse primeiro verso um cansaço extremo, algo que invade o ser e toma toda a sua consciência. Pessoa encontra-se tão exausto de tudo e todos, que às vezes parece mesclar-se em seu heterônimo Campos, que não por acaso é o “autor” do poema, mas que poderia muito bem ter sido assinado por Pessoa, ele mesmo. Como Campos é o “lado histérico”, exagerado de Pessoa, como ele próprio costumava dizer, a autoria dos versos ficou para seu heterônimo.

Mas o seu “cansaço” não se resume a um mero cansaço. É algo mais. Algo tão cansativo que mereceu um poema, sem rimas, sem métrica, apenas cansaço. Pessoa tinha seus 46 anos quando escreveu essa poesia, já era órfão de pai desde cinco anos de idade (Fernando Pessoa nasceu em 1888), pai esse que o poeta não guardara muitas recordações. A morte é uma constante em sua vida e um ano depois morre também seu irmão Jorge. Esse “cansaço”, ao qual o poeta se queixa, tem suas origens em todo esse contexto. Primeiro a morte do pai, o que fez com que a mãe se casasse novamente, dessa vez com um cônsul, João Miguel Rosa, fazendo com que o jovem Fernando se mudasse com sua mãe e seu padastro para a África do Sul, em 1896. Sua “mamã” parece ter um papel fundamental e decisivo em suas poesias, já que ela também escrevia alguns versos. Certamente influenciou bastante na escrita e no estilo do pequeno Fernando. Alguns anos mais tarde, em 1901, falece sua irmã, Madalena Henriqueta e o poeta começa a escrever suas primeiras poesias em inglês. Sua tristeza pela morte da irmã fica transparente nos versos datados de 1902:

“[...]
Quando eu me sento à janela,
P'los vidros que a neve embaça
Julgo ver a imagem dela
Que já não passa... não passa...”
(Pessoa, 2007, p. 32)

A infância em Durban, na África do Sul, deu-lhe uma boa base intelectual, com uma disciplina inglesa rigorosa, deixando traços evidentes na sua maneira de escrever. Pessoa gostava de mulheres loiras dos olhos azuis e não era raro ficar interessado em uma ou outra menina, sendo rejeitado por todas ou quase todas. Dizia ele que este processo o fazia bem, já que com isso ele pudera escrever sob as influências dessas rejeições e dessa melancolia. Esse processo de rejeição vai perdurar por quase toda a vida de Pessoa, com apenas uma exceção: Ofélia Queiroz. Gostava muito de sua mãe, esta que influenciou muito em sua escrita, incentivando-o bastante desde menino e claro, deixou muitas marcas no seu estilo saudosista. Mas quando ela retornou à Lisboa com seu padastro, em 1906, foi morar com eles (o poeta já havia voltado para a capital portuguesa no ano anterior de forma definitiva, tendo ido morar com sua avó Dionísia). Mas nesse ano, em 1906, sua irmã, Maria Clara, falece. Em 1907, a família retorna mais uma vez para Durban e Pessoa volta a morar com sua avó. Desiste do Curso Superior de Letras, o qual havia ingressado no ano anterior. Também nesse ano, a sua avó sucumbe. Pessoa, com a herança recebida, compra uma tipografia, após inúmeras discussões com sua tia, mas não dá certo e decreta falência pouco depois. Começa, então, a trabalhar como correspondente estrangeiro em escritórios comerciais, fato que contribuirá para sua carreira literária, bem como no seu estilo, aspirações e influências.

Alguns anos depois, conhece o que vem a ser seu melhor amigo em toda sua vida, o também

então poeta Mário de Sá-Carneiro, com quem constrói uma profunda amizade e funda a revista *Orpheu*, dando início ao Modernismo Português. O estilo melancólico e surpreendente de Sá-Carneiro vai ter influências em Pessoa, e este também irá ser influenciado por aquele. Mas aí, novamente, a morte assombra Pessoa: em 1916, Sá-Carneiro suicida-se, fato que deixa o poeta mais angustiado, e, sem dúvida, o influenciará em sua obra. Entretanto conforme relata João Gaspar Simões (1971), Pessoa não tinha uma identificação profunda com Sá-Carneiro, ou seja, não conseguia cumplicidade nem com seu melhor amigo. A identificação dos dois era mais literária, do que aspectos e ideologias de vida. Sua mãe o deixara em 1925. Sua única namorada conhecida, Ofélia Queiroz (namoro esse que teve duas etapas, sendo a primeira em 1920, que duraria oito meses, e a segunda, em 1929, e que se estende até 1931), não foi suficiente para sanar o seu vazio interior. Esta mulher deixará uma profunda marca que perdurará para sempre na poesia de Pessoa, uma marca extremamente saudosista. A esta altura, não é difícil compreender o “cansaço” com o qual o poeta dos heterônimos se encontra. Não é à toa que ele começa o poema com “*O que há em mim é sobretudo cansaço*”, que possui todo esse contexto por trás de apenas um único verso. Fica mais claro ainda ao ler estas linhas:

“No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu era feliz e ninguém estava morto.
Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos,
E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma religião qualquer.
[...]”
(Pessoa, 2006 [c], p. 200)

Ele acrescenta que sua exaustão é “*Não disto nem daquilo*”, referindo-se ao contexto de sua vida, que pouco importa este ou aquele acontecimento, mas que seu “cansaço” não se resume apenas a esses acontecimentos, mas um “cansaço” geral do mundo, que Pessoa não consegue descrever, não pode nomear e que, de maneira paradoxal, declara que “*Nem sequer de tudo ou de nada*”, ou seja, uma espécie de cansaço de estar cansado, uma morbidez indescritível, algo que deixa até mesmo ele sem saber como descrever. Não importa, para o poeta, se tudo deu errado, o namoro, a revista *Orpheu*, que tanto Sá-Carneiro e Pessoa quiseram e trabalharam para botá-la no prelo, para que ela ganhasse as ruas e que no fim teve apenas dois volumes, que foram suficientes para causar escândalo em Lisboa, mas que não bastaram. Também não é o cansaço de não ter feito nada, de não ter ido e terminado a faculdade de Letras, de não ter conseguido tocar a tipografia, de não ter podido passar mais tempo com sua tão querida “*mamã*”. Não. Não era esse tipo de cansaço, embora tudo isso estivesse implícito, mas não era bem isso. O poeta dos heterônimos já não tinha força vital, estava adoentado, psicologicamente e fisicamente: já não conseguia encarar a sua vida, o seu fracasso como ser, sua angústia e seu temperamento depressivo.

Na falta de palavras, Pessoa diz: “*Cansaço assim mesmo, ele mesmo, / Cansaço...*”. Esses dois últimos versos da primeira estrofe ressaltam tamanha exaustão, um “cansaço” de si mesmo, de seus heterônimos, da vida, de suas perdas, de suas falhas, “Falhei em tudo” (2006 [c] p. 161) como diria Campos em *Tabacaria*, um tal “cansaço” que nem o poeta sabe de quê, e como ele mesmo diz em outro poema “de nada serviria sabê-lo” (Pessoa, 2006 [c], p. 263). Ele não procura mais se adequar ao mundo (pois está ciente de sua incompetência como ser humano), apenas se deixa levar por ele. Pessoa parece querer dar um certo tom rítmico e uma musicalidade a esses versos, usando da estratégia de repetição da palavra “cansaço”.

Ao tratar o cansaço na terceira pessoa, personificando-o, humanizando-o, como se fosse alguém ou algo que o acompanhava, não um sentimento, não uma sensação nem um estado de espírito, mas um ser, um ente, algo que não pode ter sido criado, mas que talvez fosse eterno nele, dentro dele, Pessoa se mostra à sua maneira, com todo temperamento histérico, um histerismo ora silencioso, ora poético. Este fator está explícito em suas obras, pois quem mais poderia fazer heterônimos, senão uma pessoa histérica? É preciso ser muito doente da cabeça para inventar e escrever sob nomes falsos, atribuindo-lhes conotações de entes dissociados de si, como gente, homens, humanos à parte, que não sendo o próprio Fernando Pessoa, era, senão, mutilações de sua personalidade, ou simples mecanismos de defesa contra a sua solidão.

Na estrofe seguinte, que começa com “*A subtileza das sensações inúteis*”, pois de nada adiantavam essas sensações, Pessoa reafirma a sua sutil e ao mesmo tempo histérica fadiga, colocando as sensações num patamar de inutilidade, pois de nada servem para ele. Essas sensações sutis e inúteis, que não fazem diferença sentir ou não sentir, pois que não podem mudar o passado, senão, quando muito, atrapalhar o presente, ou seja, não o ajudam nem podem ajudar. Fica claro a influência da personalidade de Campos no poema. Este mesmo Campos que diria mais tarde que “*Todas as cartas de amor são ridículas*” (Pessoa, 2006 [c], p. 267), quem sabe referindo-se ao seu namoro com Ofélia e todas as correspondências que os dois trocavam, não que Pessoa achasse que o amor que eles tiveram fora ridículo, pois quem assim pensava era Campos, mas “*se há amor, Tem de ser Ridículas*” (idem), pois as paixões são violentas e inúteis e o amor é ridículo, nas palavras do poeta. Ora, era natural que Campos assim visse as coisas sentimentais: ele não existia senão para satisfazer a necessidade de Fernando em extrapolar a si mesmo, acabar com a racionalidade excessiva, paradoxalmente junto a sua personalidade romântica. Assim era Pessoa e sua obra: uma contradição literária e ambulante.

Analisando agora o verso “*As paixões violentas por coisa nenhuma*”, fica claro perceber a sua racionalidade misturada com seu caráter romântico. Se parar para pensar, as paixões são sempre por coisa nenhuma: é uma necessidade puramente egoísta, ou seja, algo feito ou criado para satisfazer o ego. Por isso não se pode estar apaixonado por algo ou alguém. A paixão, na verdade, é

sempre por si mesmo. O seu lado racional, que lhe dizia que as paixões são violentas, ao mesmo tempo que Campos, o seu lado mais emotivo, dizia serem ridículas e inúteis todas as cartas de amor, fazendo um contraponto com um e outro (ora um, ora outro), e sendo Álvaro de Campos incapaz de amar alguém, inclusive a si mesmo e que ao mesmo tempo amava a todos de forma tão violenta, tão desesperadamente violenta, com todos os superlativos que lhe cabem, a conclusão que se pode chegar é que esse verso resume essa fusão de Pessoa e Campos, o tudo e o nada, o racional e o emotivo, que permeará sua poesia no contexto diacrônico.

O verso seguinte *“Os amores intensos por o suposto em alguém”* vem confirmar a hipótese levantada no parágrafo anterior. Não se ama alguém, mas sim o que se ama é o suposto, é o fictício, o imaginário, um estereótipo criado pelo ser que ama, sobre o ser amado. Ama-se não o indivíduo, mas o ser que criamos dentro de nossas mentes, um ser que é projetado com todas as suposições, fixações e idealizações possíveis. Em outras palavras, o que se ama é uma espécie de “super eu” projetado e idealizado na outra pessoa. Fernando Pessoa já bem o sabia. Sabia que seria incapaz de amar alguém verdadeiramente, já que lhe faltavam cúmplices, companheiros e amigos íntimos, ou nas palavras de Campos: *“eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo”* (Pessoa, 2012 p. 273). Nem mesmo Ofélia foi capaz de despertar um amor em Pessoa, este apenas fingia, como ele mesmo diria “o poeta é um fingidor” (Pessoa, 1997, p. 42). De fingidor a poeta, ele se esbaldava nessa relação de fingir, fato comprovado pela própria gênese heteronímica. Supunha ser muitos, mas não conseguia ser ele mesmo. A literatura mundial agradece.

Nos versos que se seguem: *“Essas coisas todas — / — Essas e o que falta nelas eternamente”*. Às quais coisas se refere Pessoa? Infere-se que são “essas coisas todas” já ditas nesta monografia. Tudo e um pouco mais. Todas as suas perdas, a falta de amor, de amigos íntimos, de dinheiro, de esperança, o seu excesso de zelo com as poesias, etc. O que falta nessas coisas, não é uma simples falta de algo que pode ser repostado. É uma ausência eterna. Irreparável, insubstituível e irremediável. Algo que sempre faltou e sempre vai faltar, não importa o quanto se busque, não importa o quanto se trabalhe, sempre terá algo ausente. O pior de tudo: não se pode nem definir o que está escasso, apesar de se saber que algo falta. Era comum Pessoa repetir algumas palavras em seus poemas, como no caso ele repete “essas” nesses dois versos, com intuito de dar uma musicalidade a eles. Isso é notável nos versos a seguir, que nessa falta toda, Pessoa termina a estrofe assim:

*“Tudo isso faz um cansaço,
Este cansaço,
Cansaço.”*

Ele já não quer mais pensar, já não quer mais filosofar sobre a vida, já não aguenta mais chorar,

nem se lamentar, já não consegue ter mais esperanças e na sua exaustão ele se entrega, cansado, depressivo, angustiado, desiludido e solitário. Tudo isso lhe faz uma enorme aflição, em que o próprio “Cansaço” (este com letra maiúscula, como que representando uma personificação da fadiga) lhe causa uma exaustão. É o “cansaço, / Cansaço”, não um qualquer, mas um do tipo *cansaço* mesmo. É como se houvesse tipos distintos de cansaços, um cansaço do tipo fraco, por exemplo, outro do tipo médio e outro do tipo “Cansaço”. Evidencia-se aí, mais uma vez, a personificação da sua exaustão. É evidente a repetição exaustiva da palavra no poema, o que pode deixar alguns de seus leitores também cansados. Na verdade, a poesia de Campos é muito avulsa, muitas vezes sem nexos, algumas vezes crítica e irônica, mas raras vezes consegue arrancar risos do leitor.

Na próxima estrofe, há uma comparação dele (Campos) com os outros heterônimos. “*Há sem dúvida quem ame o infinito*” – referindo-se a Ricardo Reis, que por ser pagão, era natural que amasse o infinito e buscasse sempre por ele. “*Há sem dúvida quem deseje o impossível*”, esse verso se refere a Fernando Pessoa, à sua personalidade dualista, sempre buscando algo, sempre inventando o “impossível”. “*Há sem dúvida quem não queira nada*”, referindo-se a Alberto Caeiro, o pastor bucólico, de vida simples. Ou seja, os “*Três tipos de idealistas*” - Reis, Pessoa e Caeiro – “*e eu nenhum deles*” em contraste com Campos, o decadentista, que não mais tinha ideais e que ao mesmo tempo tinha todos os ideais. Era esse heterônimo à parte, dissociado de todos, longe e ao mesmo tempo perto de tudo e de todos, a histeria em Pessoa (com trocadilho mesmo), personificação da contradição, pura emoção, todo ele sentimento. Nota-se, mais uma vez, a repetição de palavras nos versos, o que dá ao poema um ritmo eloquente, sem que fique muito preso, fornecendo uma espécie de soltura para a leitura.

O verso que se segue, “*Porque eu amo infinitamente o finito*”, traduz o sentimento ambíguo, tão bem característico de Álvaro de Campos, em outras palavras, ele ama muito aquilo que acaba, que tem fim. Pois que tudo deve, pela razão, ter um fim. O fim é o destino – a morte – e Fernando-Álvaro sente a profunda necessidade de amar o fim das coisas, o fim de tantas vidas que ele viu passar, de amizades, amores, enfim, já que tudo isso lhe permitiu a criação de muitos de seus poemas. Ao fim, segue-se o início de uma nova jornada. Ao querer dar um tom ambíguo a este verso, como era bem característico de Campos, Pessoa entoa um ritmo forte e imponente à estrofe toda, alcançando uma musicalidade que era específica sua.

Já neste verso “*Porque eu desejo impossivelmente o possível*”, ele retrata sua ânsia em lutar pelos seus ideais, de conseguir triunfar na vida, poder ser reconhecido como ilustre escritor ainda em vida, conseguir ter algum amigo íntimo, uma esposa, um emprego bom, sim, tudo isso, apesar de negar, ele ansiava. Eram coisas possíveis de serem alcançadas e as desejava ardentemente. Talvez em algum momento ele recusara, no entanto, já nesta etapa de sua vida era o que mais

queria: poder ter as coisas possíveis como qualquer um outro, naturalmente, queria coisas simples e cotidianas, mas que para ele parecera impossível de alcançar. Nota-se aí a continuidade da ambiguidade, do paradoxalismo bem característico do heterônimo.

No verso próximo, *“Porque quero tudo, ou um pouco mais, se puder ser”* resume o pensamento de Campos. Não há muito o que dizer, o verso fala por si. Álvaro de Campos, em seu histérico exagero, sempre queria tudo, queria além de tudo um pouco mais, tudo que fosse possível, tudo que pudesse ser finito, infinitamente e impossivelmente ele queria, se fosse viável, ou então se contentaria, caso não fosse plausível, com o que já possuía, mas que queria sim, tudo que possuía. A tendência é querermos o que não temos, entretanto Álvaro de Campos queria o que não possuía e também o que era seu. Queria tudo.

“Ou até se não puder ser...”, isso significa que ele queria tudo de qualquer maneira. Pode-se inferir que o que ele não conseguisse, tentaria por meios inapropriados, ou ilegais, ou seja, conseguiria de maneira forçada mesmo, dada a sua grande ânsia em querer as coisas. Mais uma vez o paradoxo está presente e como não poderia deixar de ser, faz com que a estrofe tome uma musicalidade, fazendo uma rima sem querer com o verso anterior, não uma rima planejada, mais uma rima de repetição, com a finalidade de se dar uma ênfase.

“E o resultado?” – questionara-se. Como sempre muito subjetivo, de modo espontâneo, sem filosofar muito, mas deixando a paixão o dominar sempre, seu ímpeto, um questionamento retórico, que ele mesmo perguntara a si, mas que já possuía a resposta. Talvez quisesse filosofar neste momento, mas seu temperamento histero-neurastênico não o deixava. Essa parte de “filosofar” ele deixaria para Reis, Pessoa ou até mesmo Caeiro, mas não a ele, Campos. Não caberia a Álvaro de Campos a parte filosófica, somente a parte passional, ou quem sabe, filosoficamente passional.

“Para eles a vida vivida ou sonhada”, ou seja, que puderam, Pessoa, Reis e Caeiro, ou quem quer que seja, ter uma vida e que essa vida pôde ter sido vivida e até mesmo planejada, sonhada e realizada. Mas não para Álvaro de Campos, não para ele. Havia falhado em tudo. Na verdade, o próprio Fernando Pessoa havia falhado em quase tudo. Com certeza isso lhe causava um enorme cansaço, tanto para Álvaro, quanto para Fernando. Quer dizer, todos podem ter uma vida normal, comum, mas não Campos. Isso refletia, de fato, na personalidade de Pessoa, pois de todos, era Pessoa quem suportava as dores, já que era o único “personagem” real. A “vida vivida” serve muito bem ao propósito de se colocar uma musicalidade, dando um ritmo eloquente ao poema. O mesmo se dá com o próximo verso.

O verso que se segue, *“Para eles o sonho sonhando ou vivido”*, reforça a vitimização de Campos, quer dizer, que todos podem ter realizado seus sonhos, sonhos sonhados e sonhos vividos. Na verdade, “o sonho sonhado” pode ser o mesmo que o “vivido”, pois o desejo implícito nos sonhos todos se revela em cada poema de Campos, cada verso, todo seu desejo de ter realizado.

Mas como não pudera realizar tudo, ou melhor, como não realizara quase nada, ele se colocara numa posição de vitimização, em que o mundo fora seu algoz e fugira da responsabilidade de tentar mudar qualquer coisa, já que não coubera ou caberia a ele, mas sim às circunstâncias em tentar traçar um rumo para sua vida. Ele se esquivava e foge da responsabilidade que tem sobre a própria vida. Não a deseja, nem a vida, nem a responsabilidade nem coisa alguma. Mas, paradoxalmente, ele as quer, de qualquer maneira, quer sempre tudo, tudo que possa fazer ele se sentir vivo.

“*Para eles a média entre tudo e nada, isto é, a vida...*” – repare que ele escreve “tudo e nada”, não “tudo ou nada”, pois a média, o que vem no meio de tudo e nada é a vida, é o universo, é tudo e nada ou mesmo tempo. O que pode ter no meio entre tudo e nada? Qualquer coisa, pode ser tudo, pode ser nada e no meio disso está *isto* tudo, ou seja, a vida. Pessoa esboça uma variante desse verso, em que no escrito original aparece “Para eles a média entre tudo e nada, isto é, isto...”. Jane Tutikian, a organizadora da edição da editora L&PM, relata (Pessoa, 2006 [c], p. 31) que Fernando Pessoa fazia alguns rabiscos, correções dos próprios poemas, e que nessas correções foi encontrada a variação retirando-se “isto” e colocando-se “a vida”. Não a toa, o poeta sabia o que escrevera, calculava tudo, cada palavra de cada poema. Se trocara, pudera, foi porque ele entendeu que no meio de tudo e nada está a vida, está tudo e nada, o incompreensível, o todo e o vazio. Ou seja, está *isto*: a vida, grande incógnita que surpreende até mesmo os mais racionais e ortodoxos cientistas, o grande mistério, e sendo Fernando Pessoa um místico ocultista, bem a compreendia, quer dizer, compreendia não o enigma da vida, mas que a vida possuía um enigma. Além disso, trocando-se “isto” por “vida”, evoca-se a “vida vivida” e “o sonho sonhando ou vivido”, tornando o poema mais sonoro, sem se quebrar com o ritmo e a musicalidade, tão característica dos grandes poetas.

Nos dois seguintes versos, “*Para mim só um grande, um profundo, / E, ah com que felicidade infecundo, cansaço*” rechaça toda a sua vitimização. Ou seja, para todos: tudo e nada, sonhos e vida. Para ele, apenas um cansaço. Ironiza, inclusive, que para ele sobrasse apenas o grande e o profundo cansaço de tudo, pois escreve “com que felicidade infecundo, cansaço”, como quem queria dizer que, pelo menos, o cansaço lhe sobra, de tudo, apenas lhe resta o cansaço, e ele fica feliz, pois pelo menos lhe restou o cansaço. Poderia nem ao menos ter lhe sobrado isso, mas, enfim, foi que lhe restou. Não que ele sentisse gratidão, pois está ironizando, mas foi a parte que lhe coube. Como ele quer tudo, até mesmo o que não pode ser, ele aceita o cansaço, não o deseja, mas o aceita, já que ele (o cansaço) está lá e Pessoa-Álvaro não tem forças para mudar isso. É evidente que a palavra, tão repetida várias vezes, dá, de certa forma, uma musicalidade e um ritmo que caracteriza o poema.

“*Um supremíssimo cansaço*” aqui não se trata de um cansaço qualquer, é um cansaço supremo, o maior de todos. Talvez não houvesse tanto exagero em suas palavras, talvez ele assim sentisse, mas poderia ser mais um fingimento de poeta, ou quem sabe apenas outra vitimização. O

fato é que Fernando Pessoa já não aguentava mais, vivia estressado, angustiado, “desassossegado”, inquieto e exausto. Já não tinha ninguém para desabafar, a não ser alguns amigos com quem trocava cartas, mas que estavam longe de ser suficientes. Não cobria todas as suas necessidades. Na sua solidão, ele simplesmente não encontrava forças para superar tudo isso. É sintoma de depressão, em que o sujeito não encontra meios para vencer a si mesmo e se entrega, atordado, lasso, oprimido por si mesmo, pela vida e pelas circunstâncias. Não demora muito, ele vê no álcool seu “companheiro”, aprofunda-se na bebedeira, que lhe causa uma doença e vai-lhe tirar a vida em um ano. Pessoa caminha para seu último ano de vida. O “supremíssimo” é um superlativo característico de Campos, e que no verso seguinte ele vai brincar com a musicalidade e a rítmica do poema.

Ele repete três vezes “*íssimo, íssimo, íssimo*”, para frisar bem seu estado de espírito, para deixar claro o que sentia, como num pedido silencioso de socorro. Fica evidente a tentativa de se ritmizar o poema. Talvez nesse momento ele duvidasse que viria a ser famoso em vida, ser reconhecido, não queria fama, mas reconhecimento, e mesmo assim, esse poema, como tantos outros era uma súplica por socorro, na esperança de alguém o ler e estender-lhe a mão. Tudo estava perdido, mas ainda tinha o seu cansaço, o álcool e sua poesia, e a partir deles, esperava poder superar tudo, esquecer tudo, todos, as mortes, os fracassos, as perdas, os socos que teve de se esquivar – e estava cansado também de levar porrada sozinho como no *Poema em Linha Recta*:

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.

E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,
[...]
Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado
Para fora da possibilidade do soco;
Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.
[...]
(Pessoa, 2006 [c], pp. 273-274)

Após se dá conta de que não poderia contar com mais ninguém, quando ele finalmente se vê sozinho na vida, ele não vê outra saída senão entregar-se cansado, pois não tinha mais forças para nada, a vida havia-lhe consumido. Finaliza o poema com uma palavra “*Cansaço...*”, com reticências no final, como quem queria dizer que estava cansado até de escrever aquele poema, como se ao término do mesmo, ele se debruçasse sobre a mesa, deitando a cabeça em seu braço, suspirando e fechando os olhos, num cansaço iminente, talvez crônico, personificado, histérico e solitário.

“O que há em mim é sobretudo cansaço” é um poema fascinante, talvez inocente a primeira

vista, mas com uma carga lírica sem igual, repleto de ironias, superlativos e, sem dúvida, é um desabafo. Para poder compreender essa poesia, é preciso conhecer a vida do magnífico poeta, pois traduz toda a trajetória de vida de Fernando Pessoa e seu sentimento no final de sua jornada ainda em vida.

2.1 Considerações Finais

Este estudo deixou clara a importância da contribuição do poeta sobre o modernismo português. Fernando Pessoa sempre soube, desde muito moço, que era um formidável poeta. Assim sendo, tratou de investir em sua carreira, sempre correndo atrás de publicações, tentando montar uma tipografia, colaborando com revistas e até editando algumas, sendo que a mais importante para o contexto, sem dúvida, foi *Orpheu*.

Pessoa teve uma vida turbulenta, com muitas perdas, mortes, poucos amigos e apenas uma namorada conhecida. Fazia ingestão de bebidas alcoólicas em demasia, fumava bastante, era solitário, entretanto, diziam seus amigos, e de acordo com Simões (1971), era uma criatura bastante simpática, sempre disposto a ajudar, apesar de sua tristeza crônica.

Morou em Durban, na África do Sul, local onde pôde ter uma educação britânica, além da oportunidade de poder falar o idioma inglês como um nativo. Por isso, tentou por diversas vezes publicar em língua inglesa, porém sem muito êxito. Foi tradutor, tendo traduzido livros diversos, cujos principais foram os da Teosofia. Certamente que esses fatos influenciaram e foram cruciais em sua escrita.

Morou sozinho grande parte de sua vida, após ter retornado para Lisboa. Nota-se o tom de solidão e nostalgia em sua escrita. Esse e tantos outros fatos, como por exemplo as perdas que teve de passar, como a morte de Sá-Carneiro, de sua mãe, seus irmãos, o fato de nunca ter tido emprego fixo, quando muito alguns empregos que lhe pagavam mal, também foram cruciais para a formação intelectual e o estilo pessoano. Por isso, nunca pôde ter um lugar seu, morava de aluguel. Talvez esta causa foi determinante no rompimento de seu namoro com Ofélia, já que Pessoa não poderia custear as despesas que ela eventualmente traria. Esse rompimento deixa marcas que nunca mais sairão de seus versos: a paixão, a euforia, a ruptura a melancolia e a nostalgia, por exemplo, que já vinham sendo característicos e que se acentuaram ainda mais.

Poeta lírico essencialmente, sua poesia é permeada de ironias, sarcasmos, filosofia, misticismo, paixão, solidão e cansaço. Ficou conhecido como o poeta dos heterônimos, um caso único na literatura mundial, que se tem notícia até agora. Pessoa sendo um era muitos. Ao mesmo tempo não conseguia se encontrar na sociedade. Não pudera achar seu caminho, ser poeta, como dizia Caeiro (2006 [b]), era a sua maneira de estar sozinho. Teve apenas um livro publicado em vida, *Mensagem*, tido como uma das maiores obras literárias do século XX em língua portuguesa.

Teve influências de autores de língua inglesa, francesa e portuguesa, idiomas que falava muito bem.

Influenciou o modernismo português, escreveu lindos versos, únicos, singulares, mas também versos tristes e melancólicos. Era adepto do ocultismo, conhecedor da Maçonaria e Rosa Cruz, além da Teosofia, Espiritismo e Astrologia. Fazia inúmeros mapas astrais, era um de seus passatempos favoritos. Sem dúvida, seu maior passatempo foi a poesia e nisso era mestre como nenhum outro. Quis ser maior que Camões, o *Supra-Camões*, se conseguiu, seus fãs que podem dizer, mas uma coisa é certa: foi grande, um dos maiores da literatura mundial. Inventava, além de heterônimos, escolas literárias, sendo idealizador de algumas, tais como o Sensacionismo, o Paulismo e o Interseccionismo. Sua influência e contribuição para a literatura de língua portuguesa foi fundamental.

No final de sua vida, após ter tentado e falhado em tudo, ou quase tudo, Fernando Pessoa se entrega num cansaço mórbido, exaustivo, não mais encontra forças para lutar, para sair dessa situação. Não consegue levar um relacionamento a sério, sempre preocupado com sua obra literária, entretanto morre sem ter ficado sabendo de seu reconhecimento como um dos mais grandiosos poetas mundiais. O poeta que queria tudo, em que se cabia nele “todos os sonhos do mundo” (Pessoa, 2006 [c], p. 160). O poeta do *desassossego*, assim foi Fernando Pessoa, uma incógnita ambulante, um enigma fascinante, um poeta espetacular, com uma vida simples, sem muito luxo e com reconhecimento póstumo, e disso, desse reconhecimento e de sua genialidade não se pode cansar.

O poema, “O que há em mim é sobretudo cansaço” mostra a parte já exausta do poeta, o seu “supremíssimo cansaço”, fazendo contradições com versos ambíguos, como as paixões, que segundo o poeta eram por nada, seu desejo de querer tudo e nada ao mesmo tempo. A repetição da palavra “cansaço” atribui à poesia uma musicalidade, um ritmo e uma sonoridade que o torna eloquente, de leitura fácil, corrida, bem como suas palavras simples, sem muito capricho. Não era muito a característica de Campos caprichar em seus poemas, eram feitos mais como ímpetos, espécies de “rajadas” poéticas, as quais o autor ia escrevendo tudo que vinha em sua cabeça, para só depois fazer algumas correções. Tais correções se davam a fim de o tornar mais musicável e rítmico, com uma sonoridade própria e eloquência característica de Pessoa.

A temática do poema vem como uma espécie de desabafo, misturado ao decadentismo de Campos, com abordagens biográficas, tanto desse, quanto de Pessoa. Não seria muito difícil identificar a autoria heteronímica da obra, dados alguns superlativos que se apresentam, mas fora isso, o poema bem que poderia ter sido assinado por Fernando Pessoa, ele mesmo. Contudo no estilo desse último o poema certamente teria rimas, não necessariamente teria métrica, conclusão que se pode chegar ao analisar suas obras.

A carga lírica, combinada ao aspecto diacrônico, coloca a temática num patamar apriorístico

do autor. O poeta escreve suas angústias, mas finge ser outro autor, com a intenção de sublimar seu conteúdo, transformando uma simples poesia em uma obra inigualável, com tom melancólico e vitimizador, mas com uma sensibilidade e uma forma que deixa a poesia muito bem escrita.

Dessa forma, o poema aborda um Fernando-Pessoa-Álvaro-de-Campos em seu final de vida, já cansado, sem perder sua sensibilidade poética, nem a eloquência tão característica de sua obra. De forma ambígua, a despersonificação do poeta no poema é notável, uma vez que ele se coloca como uma outra pessoa, a fim de fingir um sentimento, ânsia ou fadiga, que na verdade não é fingido, mas que sempre esteve presente em sua vida artística, em sua forma de escrever, nos seus versos e seu estilo surpreendente, não um modernismo decadente, mas um decadentismo modernista.

3. Bibliografia.

ABAURRE, Maria Luiza; FADEL, Tatiana; PONTARA, Marcela Nogueira. *Português: Língua, Literatura, Produção de texto*. São Paulo: Moderna, 2004.

BRÉCHON, Robert. *Fernando Pessoa Estranho Estrangeiro*: Uma biografia. Rio de Janeiro. Editora Record, 1996.

HIPÓLITO, Nuno. *Fernando Pessoa: Uma biografia do íntimo*. Em: <<http://www.umfernandopessoa.com/uploads/1/6/1/3/16136746/fernando-pessoa-biografia.pdf>> Acesso em 3 jul 2014.

MATOS, Maria Vitalina Leal de. *A Vivência do Tempo em Fernando Pessoa e Outros Ensaios Pessoaanos*. Lisboa. Editorial Verbo, 1992.

PESSOA, Fernando. *Cancioneiro*: Obra Poética V. Porto Alegre. L&PM, 2007.

_____. *Cartas de Amor de Fernando Pessoa*. Lisboa. Ática, 1978.

_____. *Carta de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro sobre a Gênese dos Heterônimos*. Em: <<http://www.educacional.com.br/upload/dados/materialapoio/580001/8384666/Carta%20de%20Fernando%20Pessoa%20sobre%20os%20Heter%C3%B4nimos.pdf>> Acesso em: 3 jul 2014.

_____. *Correspondência 1905-1922*. São Paulo. Companhia das Letras, 1999.

_____. *Mensagem*. São Paulo. FTD, 1992.

_____. *Obra Poética*. Rio de Janeiro. Nova Aguilar, 1986 (a).

_____. *Obras em Prosa*. Rio de Janeiro. Nova Aguilar, 1986 (b).

_____. *Odes de ricardo Reis*: Obra Poética III. Porto Alegre. L&PM, 2006 (a).

_____. *Poemas de Alberto Caeiro*: Obra poética II. Porto Alegre. L&PM, 2006 (b).

_____. *Poemas de Álvaro de Campos*: Obra Poética IV. Porto Alegre. L&PM, 2006 (c).

_____. *Poesias*. Porto Alegre. L&PM, 1997.

_____. *Quadras ao Gosto Popular*: Obra Poética VI. Porto Alegre. L&PM, 2008.

ROSA, Pradelino. *Uma Interpretação de Fernando Pessoa*. Porto Alegre. Nação, 1969.

SÁ-CARNEIRO, Mário de. Edição de Teresa Sobral Cunha. *Correspondência com Fernando Pessoa*. São Paulo. Companhia da Lestras, 2004.

SEABRA, José Augusto. *O Heterotexto Pessoaano*. São Paulo. Editora Perspectiva, 1988.

SERRÃO, Joel. *Fernando Pessoa, Cidadão do Imaginário*. Lisboa. Livros Horizonte, 1981.

SIMÕES, João Gaspar. *Vida e obra de Fernando Pessoa*. 2a edição. Lisboa. Livraria Bertrand, 1971.